



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Gênero e as relações de poder nas dinâmicas de sala de aula

Nathália Masson Bastos; Thainá Pereira Barros

Universidade do Estado do Rio de Janeiro- nathaliabastos03@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio de Janeiro- thainapereirabarros@gmail.com

Resumo: A relação entre gênero e as dinâmicas de sala de aula é o objeto de estudo deste artigo. A abordagem metodológica foi a pesquisa recursiva de vídeos de sala de aula das turmas de terceiro e sexto ano de uma escola pública de Nova Iguaçu no ano de 2011. O objetivo deste estudo foi investigar e analisar como se baseiam as relações em sala de aula e se a questão do gênero influencia no campo social que é a escola. O estudo apresenta uma análise sobre as relações de poder existentes no contexto da sala de aula. Dentre os autores que contribuíram para a fundamentação teórica do estudo destaca-se Connell (2002), Scott (1994), Hall; Woodward (2007), Connell; Messerschmidt (2013), Demetriou (2001), Althusser (1971), Wetherell; Edley (1999), Douglas (1966). Este artigo inclui os seguintes tópicos: introdução, explicação da temática, motivações e justificativas; Metodologia, resultados e discussões, com as vinhetas etnográficas analisadas e, por fim, a conclusão. Neste sentido, este trabalho pode contribuir para uma maior compreensão das relações de poder que na esfera de gênero naturalizadas nas dinâmicas de sala de aula.

Palavras-chave: Gênero – relações de poder – sala de aula – relações sociais.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar questionamentos sobre o conceito de gênero e as relações que ele implica. Irá ser abordado no contexto de sala de aula, porém é sabido que o contexto escolar está sob influência de diversos contextos, por exemplo, social, econômico e político.

Para falar sobre gênero, em qualquer instância do conhecimento é preciso ter em mente que existem características que tornam semelhantes aqueles indivíduos que se identificam com determinado gênero assim como possuem suas diferenças. São essas diferenças e semelhanças que definem os gêneros por meio do comportamento, estilo, objetos, crenças etc. Para entender gênero é preciso considerá-lo em um contexto histórico, ou seja, é preciso identificá-lo com as características específicas do local no qual está inserido, sendo assim uma representação variável e mutável. O sexo é determinado pela natureza e pela biologia humana. Enquanto gênero é uma categoria socialmente construída.

Partindo deste pressuposto, ao estudar gênero estamos tentando compreender as relações sociais vigentes, as representações que existem e as práticas e atividades cotidianas. São nestas relações sociais que as identidades são assumidas, ou seja, através da diferença.

A diferença nem sempre é vista de forma positiva, podendo gerar determinados estereótipos sobre os indivíduos que não seguem determinado padrão pré-estabelecido naquele contexto cultural. Os indivíduos, então, possuem suas diferenças negadas ou afirmadas.

Diante dessa concepção de diferença, está presente também a estrutura de poder, visto que, se há diferença, há alguém no Brasil que se julga melhor que o outro. As estruturas vigentes da sociedade são baseadas no patriarcalismo, onde a figura masculina ocupa a posição de dominação. Essa situação se perpetua devido à apropriação cultural e à socialização dos papéis de gênero e aos modos de organização de vida sociocultural.

METODOLOGIA



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O trabalho foi elaborado em três etapas. Na primeira etapa, foi feita a seleção de vídeos de sala de aula do Colégio Estadual Vinheira Miranda, situado em Nova Iguaçu no Rio de Janeiro. Vídeos estes da pesquisa de campo realizada no ano de 2011 pela equipe NetEDU da Universidade do Estado do Rio de Janeiro coordenada pela Prof. Dr. Carmen Lúcia Guimarães de Mattos do qual as autoras são membros desde o ano de 2014. Foram selecionados 11 vídeos, dentre eles, aulas de português, geografia e matemática de turmas do 4º e 6º ano. A segunda etapa consistiu na análise destes vídeos, dando ênfase às relações de gênero existentes dentro da sala de aula. Relações essas entre indivíduos do mesmo sexo, professor perante os tipos de gênero.

A pesquisa recursiva se baseará nos registros dos dados obtidos mediante a análise das entrevistas etnográficas e vídeos. Acredita-se que, através destas análises, é possível explicar o contexto de sala de aula. Após a identificação dos contextos, e observarmos as relações de gênero, que são pertinentes ao objeto de estudo, será elaborada uma articulação entre os mesmos e o contexto da escola e sociedade. Não se trata de construir uma nova filmagem do que está sendo observado, mas observar e entender através das ligações feitas entre os elementos encontrados, novas perspectivas do que foi filmado. A análise foi realizada em duas etapas: a primeira descreve o que está ocorrendo e na segunda compreende as relações descritas, ou seja, interpreta os dados encontrados.

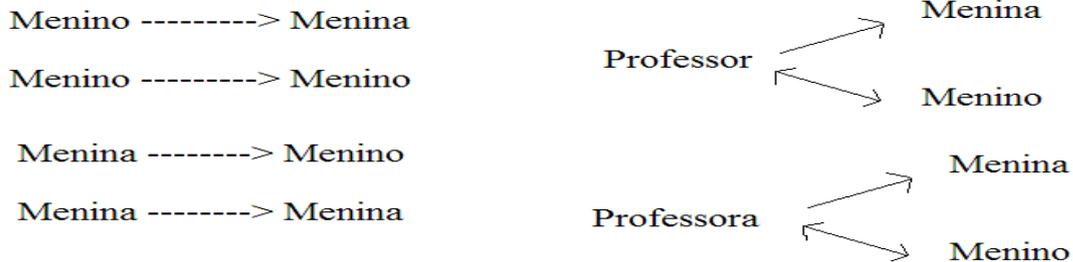
A terceira etapa relaciona imagens derivadas dos vídeos de sala de aula com o aporte teórico. Foram utilizados autores como Connell (2002), Scott (1994), Hall; Woodward (2007), Connell; Messerschmidt (2013), Demetriou (2001), Althusser (1971), Wetherell; Edley (1999), Douglas (1966).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Esquema de violências analisadas nos vídeos de sala de aula



Fonte: Autora (2015).

Ao falar sobre gênero e suas relações nas dinâmicas da sala de aula, precisa-se entender o que seria gênero, como é construído e problematizado. Para tanto, serão utilizados dois autores, Connell (2002) e Scott (1994). Para Connell (2002) “Gênero é uma forma de ordenação política e social, é uma estrutura de relação social centrada na área reprodutiva, um conjunto de práticas governadas por esta estrutura que traz distinções entre corpos dentro dos processos sociais” (p. 10, tradução de Mattos).

Scott (1994) acrescenta essa idéia ao salientar que essa organização social é da diferença sexual. O autor acredita que gênero não é algo fixado as diferenças físicas entre homem e mulher, mas é o saber que estabelece significados para as diferenças entre os sexos. Esses significados por sua vez, variam de acordo com a cultura, tempo, grupos sociais etc.

Os autores Hall e Woodward (2007) trazem sua contribuição em relação às representações que cada um possui acerca dos contextos na qual estão inseridos. Trazendo para o tema abordado neste trabalho, contribuem ao tentar esclarecer o conceito de representação como as práticas de significação e a construção de sistemas simbólicos que constituem os significados e nos posicionam enquanto sujeitos. Assim, damos sentido à nossa experiência e como nos reconhecemos enquanto sujeitos.

Connell; Messerschmidt (2013) alertam também para evitarmos a concepção heteronormativa de gênero, ou seja, essencializar a diferença macho-fêmea ignorando e excluindo as categorias de gênero existentes entre essa oposição binária. De acordo com as autoras, é um equívoco pensar deste jeito, visto que somos diferentes, temos experiências e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

vivências diferentes que nos formam enquanto sujeitos com posições diferentes de mundo. A diferença implica na relação de poder, uma categoria de indivíduo pode exercer dominância em relação a outro, estabelecendo uma hegemonia de papéis. No Brasil, a hegemonia masculina se sobrepõe à formação igualitária como na maior parte das sociedades no mundo.

Em relação a essa hegemonia existente na estrutura de sociedade vigente, Demetriou (2001) afirma que existem dois tipos: a primeira delas é a interna, a ascendência social do sexo masculino sobre outro grupo do mesmo sexo, ou de um grupo do sexo feminino sobre outro grupo do mesmo sexo. A segunda é a externa, a institucionalização da dominação masculina sobre a feminina.

Althusser (1971) tenta explicar como e de que forma os sujeitos se posicionam escolhendo determinadas posições ao invés de outras. Para ele, ocorre um processo denominado interpelação, ou seja, os sujeitos se reconhecem “sim esse sou eu” e assume determinadas características do papel que irá assumir em determinado contexto. Diante desta concepção, podemos adquirir várias identidades de determinados papéis, porém, nem todos esses papéis assumimos como parte de nós, ou seja, não somos interpelados por essas posições de sujeito.

Wetherell e Edley (1999), levando o tema da representação e posição de sujeito, nos alerta para o contínuo questionamento que devemos ter se alguém, do sexo masculino e feminino, se acomoda a algum ideal que lhe foi estabelecido, seja por ele mesmo ou pelos padrões pré-estabelecidos sociais, mesmo que qualquer outro não incorpore da mesma forma que ele/ela assumiu para si.

Baseando nestas concepções, parte-se do pressuposto que é preciso que existam ações reparadoras para os preceitos já estabelecidos de uma cultura única a ser ensinada, porém é preciso também ações preventivas para que se crie um diálogo entre as diferenças e que se questione sobre o congelamento de identidades e estereótipos. No ambiente escolar é importante a valorização das diferentes culturas existentes. De acordo com Douglas (1966) são os valores e sentidos padronizados pela sociedade que servem para estabelecer as relações sociais e experiência dos sujeitos.

Esses autores e suas perspectivas sobre gênero, diversidade cultural, identidade,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

representação social contribuem para a construção do presente texto para buscar uma compreensão sobre as dinâmicas que ocorrem em sala de aula. Entender como/porque as relações sociais se baseia nos estereótipos construídos culturalmente, se a partir desta visão, das diferenças culturais, biológicas, de gênero, ocorre uma relação de desigualdade de poder e questões hierárquicas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Descrição de cena em 36 minutos de aula (2011)

Durante o período observado nas gravações da sala de aula do sexto ano, percebe-se que existem muitas representações de masculinidade e características pertencentes à masculinidade hegemônica. Chega-se a esta conclusão devido situações na dinâmica de sala de aula onde a professora prevalece a opinião e o que a menina diz ao invés dos meninos, na separação da classe pelos próprios alunos, resultando em uma barreira física, concepção de estereótipos normatizados e trazidos para a sala de aula entre outras maneiras.

Dentre estas características estereotipadas masculinas, há a agressividade, opressão, não tem medo dos riscos e das regras, tem um bom físico, sabe lidar com qualquer situação, não são emocionais, são independentes, não são cuidadores entre outras características que os colocam como dominantes no processo de oposição binária (macho-fêmea).

Acredita-se que isso ocorra porque cada situação possui seu custo e benefício ao assumir determinados papéis sociais em sala de aula. Como foi visto a professora saindo de sala, as meninas assumem seu papel ao anotar quem está fazendo bagunça, pois elas têm um parâmetro do que é se comportar ou não, visto que os professores e diretores sempre dizem que elas são comportadas.

Trazendo o conceito de masculinidade hegemônica para a educação, ela pode ser compreendida nas dinâmicas que ocorrem na sala de aula e nos padrões que os próprios alunos ou professores estabelecem que envolvem uma dinâmica de custos e benefícios. Ou seja, cada papel assumido tem seu peso na relação de poder estabelecida em sala e aqueles que participam sabe que cada posicionamento terá sua recompensa ou um revel.

Temos que entender então não só como são construídas as identidades, mas como elas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

são usadas no discurso, ou seja, no campo social. Essa premissa se faz necessária porque somos direcionados a diferentes situações e posicionamentos fazendo com que nós representemos de forma diferente em determinados momentos e campos sociais. Essa situação é identificada na sala de aula quando a diversas formas de representação da masculinidade, os bagunceiros, os quietos, e os estudiosos se juntam em sala de aula para fazer exercícios ou apenas para momento de lazer. Por exemplo, um aluno que sabia dosar a hora da brincadeira, de conversar e de prestar atenção no que a professora está ensinando.

A masculinidade assim como a identidade que assumimos é atribuída à idéia de que existem através da dicotomização do sexo (biológico) versus gênero (cultural) marginalizando o corpo. A masculinidade assim como a identidade não é algo fixo ao corpo é algo construído culturalmente nas relações sociais e são transversalizadas por outras divisões e culturas.

A sociedade imputa signos e significações em objeto, pessoas e até em comportamentos. Diante disso, certos comportamentos foram estereotipados como referentes a determinadas identidades e cultura. Trazendo esse pensamento para o foco do texto, a masculinidade hegemônica possui seus "traços" considerados típicos de comportamento e personalidade.

Porém, apesar destas serem características e traços de personalidade esperadas dos garotos, na sala de aula existem aqueles que vão contra a esse estereótipo apresentando comportamentos e valores contraditórios, por exemplo, sendo estudioso, quieto, engraçado entre outras formas. Esses comportamentos diferentes da maioria dos alunos por vezes são motivos de “chacota”, “zoeira” por estarem fugindo ao padrão estabelecido em sala de aula por eles.

Diante destas várias representações de masculinidades foi evidenciado que não existe somente uma representação que deve ser seguida. Isso ocorre por causa da ordem de gênero que constroem identidades e masculinidades múltiplas, ou seja, somos diferentes tanto biologicamente e culturalmente e por causa disso somos influenciados e nos identificamos com determinadas características, atitudes e crenças.

Evento 1: Bagunça



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Aula de geografia da professora Anna (nome fictício para preservar a identidade da professora), do sexto ano do ensino fundamental do Colégio Estadual Vinheira Miranda. São trinta e cinco alunos. A escola está em período de prova e por conta disto, os professores saem de aula umas quatro vezes durante o período da aula e redirigem a outras salas que estão em provas. Nestes momentos, a turma se agita e o professor tem dificuldade de retomar de onde parou na matéria.

A sala de aula possui sua configuração baseada na própria separação feita pelos alunos. Ou seja, em um lado da sala sentam os meninos e do outro as meninas. Porém, nesta sala de aula observa-se a presença de uma menina que a todo momento interage com os meninos ao invés de participar do grupo das meninas. Essa menina possui características físicas e atitudinais que se equivalem a dos meninos.

No dia observado a professora sai algumas vezes durante a aula para ir à outra sala de aula. A turma é bastante agitada e nestes momentos de ausência da professora a agitação aumenta. A sala de aula é predominantemente masculina, aproximadamente 90% dos alunos. As meninas possuem comportamento mais calmo do que os mesmos, ficando quietas enquanto os meninos passeiam pela sala de aula, fazendo insinuações de brigas, falam alto, alguns também ficam quietos. A aluna (Bárbara) mencionada fica, quase sempre no grupo mais agitado.

Cena:

A professora Ana não está em sala de aula. A diretora Maria Clara chega.

A aluna Priscila vai reclamar com ela que o aluno João Pedro estava fazendo bagunça e correndo em sala de aula. A aluna aponta para ele de forma acusatória. João Pedro, que estava sentado na primeira carteira e fazendo seu dever. Então ela diz:

“É esse.” A diretora olha para o João. E diz de forma recriminatória e enfática.

“Vou conversar com você. Seu comportamento, você está correndo pela sala de aula”.

Demonstrando a todo momento desaprovação pelo comportamento dele que Priscila tinha alegado, mas que a diretora não tinha presenciado.

João Pedro então diz em tom alto: “A câmera vai dizer ou não se eu corri.” A diretora não acredita e ele continua se defendendo da acusação antes apenas da Priscila, agora também da diretora. João vira-se para outro aluno perto dele e diz: “Eu fiquei discutindo com você aí?” E aponta para onde este aluno estava.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O aluno nega então João Pedro volta a olhar para a diretora insinuando dizer: “Ta vendo? Falei a verdade”.

João continua se defendendo: “Eu não estava nem correndo, ô diretora. Eu estava escrevendo o negócio aqui.”

A aluna Priscila que fez a reclamação então diz: “Você está achando o que? Você chegou, sentou em cima da mesa em vez de sentar em cima da cadeira. Você foi sentar e depois você sentou na cadeira.”

Depois desta fala, a aluna sai da situação e a diretora briga com João Pedro.

Em um ambiente como o escolar, ocorre o encontro de diversas identidades, gêneros e cultura podendo ser um momento de tensão ou não, dependendo da prática pedagógica escolhida pelo professor e pela escola. Apesar de todo o esforço do professor em sala de aula, e no caso citado, da diretora, falar em diferença de sexo pode implicar em uma relação de poder.

Essas diferenças de identidade e relações de gênero, na prática, podem ocorrer através de práticas não discursivas, por exemplo: "trabalho assalariado, violência, sexualidade, trabalho doméstico, cuidado com as crianças, ou seja, em ações do cotidiano" (Connel; Messerschmidt, 2013). Ao analisarmos essas situações que, para nós, parecem ser uma escolha natural por estarem normatizadas, deveríamos nos atentar e nos questionar o porquê destas situações serem um consenso e totalmente visto como algo cultural. Ao fazer a análise desta situação, deveríamos nos perguntar: “Por que a diretora acredita na aula e não no aluno? Por que apesar da evidência que o aluno mostrou ela não acreditou nele? É possível que a diretora estabeleceu um critério ao avaliar a situação conforme estereótipos sociais?”

Temos que ter em mente que esses questionamentos levam a outra questão em relação à existência do poder nesse processo de diferenciação. Existem tantas marcas de diferenciação que acabam sendo transformadas equivocadamente em marcas da presença de poder. Podemos entender como marcas de pertencimento como no caso da aluna que por ser bagunceira passa a ser caracterizada, em vários momentos como pertencendo ao grupo dos meninos.

Essas fronteiras delimitadas podem ser marcadas por nós mesmos, em relação ao sentimento de pertencimento, ao ver que a postura que temos enquanto sujeito não



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

corresponde à postura que outra pessoa possui. Também pode ser demarcada pelo contexto social, ou seja, temos que nos enquadrar de acordo com o padrão pré-estabelecido da sala de aula.

No contexto da sala de aula analisada, a fronteira delimitada é expressa através das barreiras físicas estabelecidas pelos alunos ao sentarem nas carteiras em grupos de meninos e meninas. Diante destas fronteiras, cada aluno senta naquele grupo que sente uma relação maior de pertencimento. Foi observado que uma aluna oscila entre a barreira, ou seja, ela frequenta ambos os lados estabelecidos a partir da relação de custo e benefício mencionado anteriormente.

Porém, vai além do que a simples identificação de um pelo outro, a professora pode atribuir características diferentes aos grupos que foram formados em sala de aula. No caso explicitado, foi a diretora quem atribuiu ao grupo de meninas determinadas características assim como faz com os meninos ao atribuir a aluno João Pedro a culpa sem antes averiguar a real situação que ocorreu. Acredita-se que tal situação ocorreu porque, na concepção dela, baseada na estrutura social normatizada, os meninos não possuem tanta credibilidade devido ao estereótipo que lhes foi dado e as meninas possuem mais credibilidade, pois é vista como comportada, que fez bagunça porque os meninos começaram ou provocaram.

CONCLUSÃO

Na escola se criam identidades baseadas nas dinâmicas estabelecidas ali gerando relações de poder. Vivenciando neste contexto, os alunos assumem determinadas posições para seguirem “no jogo” e obter êxito. De acordo com o que foi observado, as identidades que prevalecem nas salas de aula do quarto e sexto ano são as que possuem características que equivalem aos padrões do senso comum da masculinidade e um consenso dos estereótipos construídos socialmente para o sexo feminino e masculino.

Podemos dizer que isso ocorre porque durante as relações sociais são estabelecidas as posições de sujeitos que estrategicamente servem para criar uma ordem social e as pessoas levam a cabo essas posições. A identidade precisa ser vista como ela é, contingente, ou seja, "como um produto de uma intersecção de diferentes componentes, de discursos políticos e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

culturais e de histórias particulares" (Hall; Woodward, 2007)

Questionamo-nos então: Quem concretamente representa a hegemonia de gênero e a identidade a ser seguida na escola? E na sala de aula? Não temos como responder porque não há um padrão a ser seguido apesar de ter um estabelecido em cada contexto. Cada local possui sua representação e idealização de gênero, identidade e cultura. Por exemplo, uma sala de aula pode ter um padrão enquanto outra sala possui outro que podem ser diferentes da identidade e posição que a escola assume. Podemos entender então que "a hegemonia tem numerosas configurações" como afirma Connell; Messerschmidt (2013). A hegemonia, ao contrário do que o consenso afirma, não se baseia na força física, mas sim no consenso cultural, ou seja, na institucionalização da dominância de um sobre o outro, marginalizando ou excluindo as identidades que não fazem parte dos que dominam.

Percebemos que os padrões dos lugares influenciam muito o nosso modo de comportamento e nossa forma de agir. Essa mudança de identidades e posições de sujeitos de algumas pessoas para se adequarem ao padrão vigente se deve ao custo e benefício que essa situação proporciona. Ou seja, os alunos percebem e entendem que há relações de poder dentro de sala, e nessa relação há oposições, um possui mais poder que o outro, então eles adquirem aquele papel que lhes convém em determinado momento.

É muito fácil nos equivocarmos e atribuímos valores de juízo sobre o outro. As atitudes e comportamento observados ao longo das análises demonstram as demarcações, pelos professores e diretora, da diferença ao classificar em bons e maus, pertencem ou não pertencem ao grupo dos bagunceiros além das demarcações feitas pelos próprios alunos ao separar a turma entre "nós/eles".

Essa "comparação" não é para estabelecer uma hierarquia e nem uma relação de poder de forma desequilibrada. Ela deve ser construída para conseguirmos diferenciar comportamentos, valores e atitudes, crenças na qual compete a cada um. Diante destas relações há um questionamento sobre como cada um se relaciona com o outro. Essas relações podem ser permeadas de tensões, conflitos ou de entendimento dependendo das perspectivas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

geradas, dos contextos, se são facilitadores de diálogo, a favor do respeito ao outro ou se são fundamentadas no preconceito e exclusão.

REFERÊNCIAS

- ABREU, J. J. V; ANDRADE, T. R. A compreensão do conceito e categoria de gênero e sua contribuição para as relações de gênero na escola. VI Encontro PPEGD, Piauí, 2010.
- BRAGANÇA, G. MATTOS, C. L. G. A produção do saber nas pesquisas sobre o fracasso escolar (1996-2007): um recorte de gênero.
- CONNELL, Robert W. **Políticas da masculinidade. In: Educação e realidade.** São Paulo: 1995, pág- 183 a 206.
- CONNEL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Estudos Feministas, Florianópolis, 21(1), Janeiro-Abril/2013.
- CONTI, D. M. C.; MATTOS, C. L. G. Gênero e educação – uma revisão bibliográfica de pesquisas internacionais.
- Diversidade, diferença e multiculturalismo: valores essenciais da pluralidade social/ Mary Rangel (org) [et al.]. – Niterói, RJ: Intertexto, 2011.
- Educação, escola e desigualdade / Teresa Cristina Rego (org) [et al.]. – Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo, SP: Revista Educação; Editora Segmento, 2011. – (Coleção Pedagogia Contemporânea)
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença** : A perspectiva dos Estudos Culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. 7. ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.